

Editorial

A HORA DA SALVAÇÃO

A prefeitura abriu ontem a votação do Orçamento Participativo Digital 2013, pelo qual a população vai poder escolher, entre três, uma obra a ser executada em caráter prioritário. A votação se estenderá até o dia 20 em totens espalhados pela cidade e por smartphones.

Criado em 1993, no governo do prefeito Patrus Ananias, o OP foi recebido com grande expectativa pela população, que viu na iniciativa a oportunidade de ser ouvida em suas demandas, até então delegadas aos vereadores, os chamados representantes do povo.

Nesse tempo, o programa acumulou muitos triunfos, sendo reconhecido inclusive por pelo menos um prêmio internacional. Quase 800 mil belo-horizontinos já participaram do OP, que realizou mais de 1.500 empreendimentos, a maioria de obras de infraestrutura.

Operado por administrações do PT, chegou a ser adotado por governantes de outros partidos, em razão de suas virtualidades de mobilização social. O OP inclui a comunidade na administração do município, permitindo ao cidadão o exercício direto da democracia.

Não obstante, sobretudo nos últimos anos, o OP vem frustrando as expectativas. O poder público não tem conseguido atender a demanda, e isso tem contribuído para desmobilizar a população. A abertura de novos canais de votação, além da presencial, arrefeceu a demanda.

Aos poucos, o programa vem sendo engolido pelos interesses políticos, colocados na frente dos da comunidade. Os vereadores sentiram que perderam poder com o OP. Os governantes também viram que tinham que priorizar grandes obras, que causam maior impacto.

A eventualidade da Copa do Mundo de 2014 veio agravar a situação. A maior parte dos recursos foi dirigida para essas obras. Intervenções menores aprovadas pelo OP estão inconclusas e outras nem saíram do papel. O maior exemplo é o hospital do Barreiro.

Para piorar, há dificuldade de interlocução com a prefeitura. Os questionamentos não têm retorno. E os insatisfeitos são taxados de reclamações.

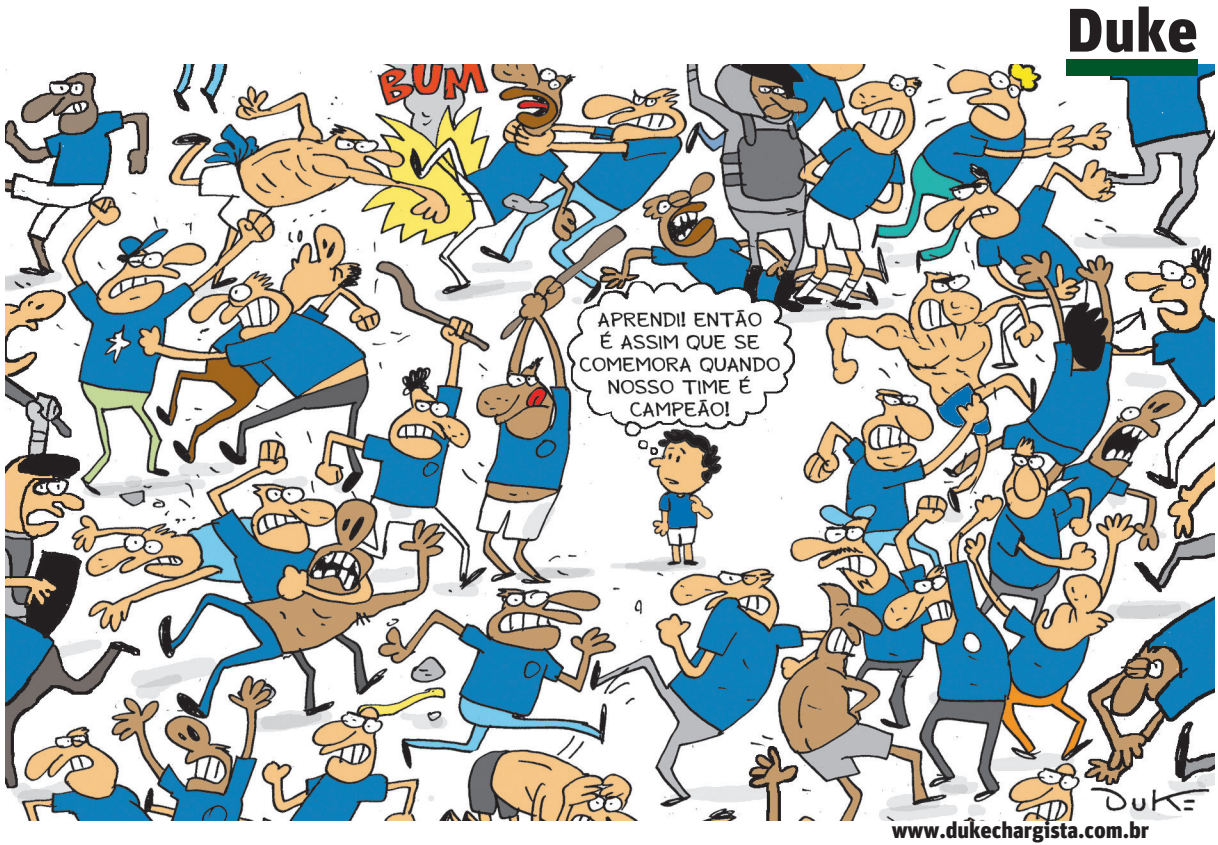
SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Mediolì
PRESIDENTE Laura Mediolì
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães
DIRETOR FINANCEIRO Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL Fabiano Guerra
GERENTE DE TECNOLOGIA Fábio A. Santos
GERENTE INDUSTRIAL Guilherme Reis
GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO Walmir Prado
GERENTE DE MARKETING Alessandra Soares
GERENTE DE CIRCULAÇÃO Isabel Santos
GERENTE DE ASSINATURAS Maria Beatriz Braga Rocha

EDITORA EXECUTIVA Lúcia Castro
SECRETÁRIA DE REDAÇÃO Michele Borges da Costa
ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO Murilo Rocha
CHEFE DE REPORTAGEM Renata Nunes
EDITORES
Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlon Aredes
Política: Carla Kreeft
Magazine: Silvana Mascagna
Brasil/Mundo/Interessa: Carla Chein
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Marina Schettini
Primeira: Frederico Duboc
Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO





FÁTIMA OLIVEIRA
Médica
fatimaoliveira@ig.com.br

A mística, os mitos e a liberdade que educam em Summerhill

Em 1999, no governo Tony Blair, o caso foi parar na Justiça

A palavra “Summerhill” significa outeiro de verão e era o nome da casa onde Neill instalara definitivamente a sua “República de crianças”. O método montessoriano e o libertário de Summerhill foram criados para crianças que as escolas tradicionais não queriam e rotulavam de “sem jeito”, as “pestinhas”, os “pra nada”.

Neill bebeu muito na fonte montessoriana. Summerhill se inspira numa abordagem psicanalista. Para Taís Oliveira de Amorim da Silva, “uma explicação possível para tal enfoque é o fato de Neill ter sido também um grande leitor da obra de Melanie Klein e ter tido contato direto com dois psicanalistas não tradicionais, Homer Lane e Wilhelm Reich”.

Recebi e-mails indagando o que é uma escola democrática, da qual Summerhill é modelo. E fiquei a matutar sobre a peregrinação árdua de escolher escolas, quando possível, pois nem todas as pessoas têm assegurado o direito de escolher escola para sua prole, que em geral estuda onde der, na biboca que tiver vaga.

E rememorei minha vida. Da “Carta de ABC” da escolinha do “professor Izídio” à Escola Rural Humberto de Campos, em Graça Aranha (MA); do Grupo Escolar João Pessoa, em Colinas (MA), com a imponência de sua elegante diretora Maria Brandão, até o Colégio Colinense e a sombra de suas algarobeiras, que, para uma menina da roça, era um sonho com sala de línguas, sala de geografia e sala de ciências, onde havia até um microscópio que eu manuseava como se fosse um Deus. Foi um privilégio que fez de

mim o que sou, com um pedacinho de cada lugar por onde passei!

Para Neill, “sucesso é ter a habilidade de trabalhar com prazer e viver a vida de uma maneira feliz”. Não é simples, nem fácil. Exige equilíbrio emocional, que muita gente chama de inteligência emocional e que, segundo Richard D. Roberts e Elizabeth do Nascimento, no artigo “Inteligência emocional, um constructo científico?”, “talvez seja o conceito mais popular do final do século XX”, todavia, difícil de descrever e de ser conceituado; apenas sabemos que não é in-

Nas democráticas, os alunos decidem o que fazer com seu tempo, pois nem em todas há liberdade total de não assistir às aulas, como em Summerhill

ta, precisa ser estimulada e burilada. Eis a tarefa primordial de Summerhill e o desafio das escolas democráticas que se espelham nela.

No mundo, há cerca de 500 escolas que se intitulam democráticas, sendo sete no Brasil, todas no Estado de São Paulo. Summerhill começou exclusivamente como internato. Atualmente, há alunos em tempo integral que, à noite, vão para suas casas. Nas escolas democráticas, os alunos decidem o que fazer com o seu tempo em algum grau, pois nem em todas há liberdade total de não assistir às aulas, como em Summerhill – que continua sendo a mais radical e sempre foi muito perseguida pelas autoridades

inglesas. Dizem que o ensino inglês tem a grade curricular mais inflexível do mundo, daí o governo viver às turras com Summerhill.

Em 1999, no governo de Tony Blair, a ofensiva foi brutal. Os inspetores escolares concluíram que a liberdade fora substituída pela ociosidade e indicaram aulas obrigatórias ou o fechamento da escola! A questão foi parar na Justiça. Sobre o caso, Zoë Neill Redhead, filha de Neill e atual diretora, em entrevista a Simone Kosog, nos 90 anos de Summerhill, disse: “Aquela época foi terrível! Não sabíamos se iríamos sobreviver àquilo. Recebemos doações do mundo inteiro para que pudéssemos pagar um bom advogado. No fim, os jurados decidiram a nosso favor. Fizemos uma assembleia no salão do fórum, e decidimos aceitar o julgamento. Nunca tínhamos passado por uma situação dessas!”. Por que perseguem a liberdade?

